

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES: UM ROMANCE PÓS COLONIAL

DAISE LILIAN FONSECA DIAS

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar *O morro dos ventos uivantes*, da escritora inglesa Emily Brontë (1818-48), sob a perspectiva póscolonial. Percebe-se na literatura inglesa um padrão repetitivo de representação das relações coloniais – sobretudo até 1847, ano da publicação da obra em estudo - que enaltece os ingleses e sua cultura, e que desqualifica os povos de pele escura, assim como suas respectivas culturas. Esses povos são, em geral, representados de forma preconceituosa e sob o domínio do imperialismo inglês. O romance de Brontë subverte esse tipo de representação porque o protagonista, um cigano estrangeiro, Heathcliff, consegue reverter as relações socioeconômicas impostas por seus opressores, os ingleses que o cercam, e, conseqüentemente, subjuga-os de forma análoga à sua própria experiência. Destaca-se, nesta obra, seu caráter subversivo, porque a narrativa passa-se na Inglaterra, o que confere ao feito de Heathcliff um valor significativo, uma vez que ele obtém sucesso em relação a algo que despertava grande temor para os ingleses: serem vítimas das forças de raças escuras em seu próprio território, a Inglaterra.

PALAVRAS-CHAVE: Póscolonialismo; literatura inglesa; relações coloniais.

ABSTRACT: The objective of this paper is to analyze *Wuthering Heights*, written by the English writer Emily Brontë (1818-48), from a postcolonial perspective. It is noticed that there is in the English literature a repetitive model of representation of the colonial relationships – mainly until 1847, when Brontë's romance was published – which praises the English people and their culture, disqualifying dark skinned people as well as their culture. Those people are, in general, represented from a negative perspective and subjugated by English imperialism. Brontë's romance subverts this kind of representation because the protagonist, a foreign gypsy, Heathcliff, reverts the socio-

economical relations imposed by his oppressors, the Englishmen who surround him and, consequently, submits them in an similar way to his own experience. The novel's subversive characteristic will be highlighted, mainly the fact that the story takes place in England, which gives significance to Heathcliff's actions, since he is well succesfull in something that provokes fear to English people: they become victims of dark skinned people in their own territory, England.

KEYWORDS: Postcolonialism; English literature; colonial relationships.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte da tese de doutorado (cf. DIAS, 2011), e analisa o romance *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, sob uma perspectiva póscolonial. Ao levantar a fortuna crítica da obra, foi possível perceber inúmeras análises sob diferentes perspectivas. Todavia, considerando o material pesquisado, foram encontrados apenas dois textos que analisam a obra sob um viés póscolonial. O primeiro foi um subcapítulo do livro de Meyer (1996). O Segundo texto foi um artigo, de Nancy Armstrong (2003). Este artigo discute e amplia aspectos levantados por Meyer e Armstrong, e destaca a escrita póscolonial de Brontë.

Aspectos dos Estudos Póscoloniais

Na década de 1970, as teorias sobre o póscolonialismo emergiram com o objetivo de compreender o imperialismo e seus desdobramentos como fenômenos locais e/ou universais, revelando seu caráter político e cultural em uma era de descolonização. Alguns dos principais objetivos dos Estudos Póscoloniais são: trazer à tona o contexto dos povos marginalizados e

oprimidos que foram afetados pela experiência da colonização, em uma tentativa de fazer conhecida a sua história e a sua voz; preservar e destacar a literatura produzida pelos povos submetidos ao colonialismo, frequentemente considerados selvagens, primitivos e iletrados pelos colonizadores. Assim, os Estudos Póscoloniais questionam o cânone literário ocidental que tem excluído autores – inclusive mulheres escritoras, o que constitui uma bandeira de luta entre os Estudos Feministas e os Estudos Póscoloniais – de países à margem do continente europeu. Além disso, os Estudos Póscoloniais analisam textos da Metrópole (o Império), denunciando a forma como os povos considerados inferiores pelos europeus são retratados em contraste com o homem branco e cristão europeu.

É importante destacar que os Estudos Póscoloniais discutem experiências relacionadas com identidade, diferença, escravidão, migração, representação, supressão, resistência, raça, lugar, gênero, e que respondem aos influentes discursos da Europa imperial, tais como a filosofia, a história, e a linguística, bem como às experiências fundamentais da fala e da escrita pelas quais tudo isso vem a existir, como mostram Ashcroft et al (2004). Os pontos acima mencionados formam o complexo tecido dos Estudos Póscoloniais.

Os Estudos Póscoloniais, portanto, buscam analisar, dentre outros pontos, relações de poder em várias esferas – a econômica, a política, a literária, por exemplo – existentes entre (ex)colonizadores e (ex)colonizados, países que foram metrópoles imperialistas e (ex)colônias, temática recorrente em textos literários e não-literários advindos de ambos os lados, isto é, o do que promoveu o colonialismo e o do que foi vítima dele.

A literatura (inglesa) e o Império

É importante considerar que a literatura da metrópole europeia frequentemente funcionava, sobretudo até meados do século XX, como elemento ideológico para referendar

os valores dos colonizadores, difundindo a ideia de superioridade da civilização europeia e a consequente rejeição de qualquer manifestação cultural da colônia e/ou de outros povos considerados inferiores trazidos para a Metrópole, embora isso não signifique que tal conduta acontecia sempre de modo planejado. Entretanto, é fundamental considerar que os textos literários não apenas refletem ideologias dominantes, mas servem também como instrumento político para expor o sofrimento dos povos oprimidos, seja em textos literários da metrópole imperialista (a exemplo de *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, e *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, ambos de 1847) seja na literatura produzida em ex-colônias como *Wide Sargasso Sea* (1966) e *Corações Migrantes* (1995), ambos reescritas póscoloniais dos dois romances das irmãs Brontë acima citados).

As narrativas da metrópole imperialista, de modo geral, estiveram a serviço da ideologia dominante e foram amplamente utilizadas como forma de propaganda. JanMohamed (2004: 183; tradução nossa) afirma que “o texto literário é um local de controle cultural e serve como um instrumento altamente efetivo de determinação do nativo ao fixá-lo sob o signo do Outro.” Mesmo assim, há a possibilidade de subversão do discurso colonial, ou seja, de questionamento, de posicionamento contrário, como se vê em um texto escrito por uma autora inglesa, Emily Brontë, em um período de expansão imperialista inglesa, *O morro dos ventos uivantes*. Nele, quando um estrangeiro – o suposto cigano Heathcliff – liberta-se do poder opressor dos ingleses que o cercam e subjuga-os dentro da Inglaterra, conforme será discutido adiante.

Desde o princípio das investidas coloniais, não apenas textos em geral, mas a literatura foi um veículo para a interpretação de outras terras, oferecendo ao povo da metrópole uma maneira de pensar sobre a exploração, a conquista de países da África e do Oriente, os valores nacionais e as novas aquisições coloniais. Em virtude disso, a literatura criava espaços para a troca de imagens coloniais e ideais, de modo que os europeus, ao

escreverem gêneros, tais como romances, memórias e contos de aventura, dentre outros gêneros, alimentavam a visão de mundo dirigida a partir da metrópole colonial, consolidando-a e confirmando-a, visto que a literatura costumava servir como elemento mediador entre o real e o imaginário.

Said (1994) argumenta que as narrativas de ficção como *Robinson Crusóe* (1719), de Daniel Defoe foram cruciais para a história e para o mundo do império, pois elas documentam o que os romancistas narravam sobre as regiões para eles estranhas do mundo. Tais narrativas também se tornaram um veículo através do qual os povos colonizadores asseguraram sua identidade e a existência da própria história. Said acrescenta que o poder de narrar ou de bloquear outras narrativas de se formarem e emergirem é muito importante para a cultura e para o imperialismo, pois a cultura e as formas estéticas que contém derivam da experiência histórica.

Uma das definições acerca da literatura colonialista é que ela é uma exploração e “[...] uma representação de um mundo na fronteira da ‘civilização’, um mundo que não foi (ainda) domesticado pela significação europeia ou codificado em detalhes pela sua ideologia” (JANMOHAMED, 2004: 18; tradução nossa). Na ficção, aquele mundo é retratado como incontrolável, caótico e mau. O autor afirma que o desejo do homem do império é conquistar e dominar o reino colonial em um confronto que envolve diferenças de idioma, raça, costumes, valores e modos de produção, como na peça, *A tempestade* (1611), de Shakespeare. Assim, em vez de explorar o outro racial e vê-lo como uma ponte para possibilidades de sincretismo, a literatura da metrópole simplesmente afirmava seu próprio etnocentrismo, preservando as estruturas da mentalidade do seu povo. Além disso, usava o nativo para refletir a autoimagem do colonizador, embora os textos da metrópole excluam, muitas vezes, a presença de nativos ou os reduza à condição de seres inferiores que precisam ser civilizados e cristianizados.

A literatura colonial escrita na perspectiva do colonizador promoveu, ainda, o binarismo entre o que é europeu e o outro não-europeu, sendo o outro representado de modo negativo. Said (2003) sugere que isso aconteceu principalmente porque a construção da perspectiva binária faz parte da política de autoridade colonial, a qual é responsável por promover a ordem no contexto nacional interno e no externo à metrópole. A fabricação da imagem de si mesmos como superiores e a do outro como inferior, funciona como estratégia de manutenção da autoridade, uma vez que influencia o consciente coletivo tanto do colonizador quanto do colonizado em uma busca constante pela superação dos próprios medos.

Por conseguinte, os efeitos do imperialismo sobre os colonizados, bem como as respostas dadas à invasão pelos nativos, geralmente aparecem discretamente nos escritos da época em que ocorreram. Mesmo assim, a reação dos nativos aos desdobramentos dos encontros coloniais é sentida, e Boehmer (2005) a chama de “o espaço do adversário”, por revelar o poder do subalterno de perturbar e distorcer representações idealizadas de caráter negativo sobre si mesmo.

É importante destacar que os romances do século XIX contribuíram para reforçar a imaginação do império, sobretudo ao refletirem o status quo, e retratavam importantes pontos para os valores imperiais. Um deles é a representação do espaço. Desde o final do século XVIII, muitas propriedades – na forma de casas, plantações, escravos – concentravam-se nas colônias e figuram apenas como um lugar remoto para arranjos e negócios. De acordo com Moretti (2003: 37), nos romances da virada do século XVIII para o XIX, “[...] as colônias são uma presença ubíqua: são mencionados em dois romances em cada três e as fortunas feitas no exterior chegam a um terço, senão mais, da riqueza nesses textos”. De qualquer modo, a presença das colônias nas narrativas da época é simbólica, porque elas removem a “[...] produção de riqueza para mundos distantes, em cuja realidade efetiva a maioria dos leitores

do século XIX não estava ‘nem um pouco interessada’ (como os primos de Fanny)” (MORETTI, 2003: 37), em *Mansfield Park* (1814), de Jane Austen.

Contudo, o início do século XIX foi um período que trouxe expressivas contestações por parte de ingleses às atrocidades realizadas por compatriotas. Muitos europeus começaram a questionar o colonialismo e o imperialismo, visto que relatos circularam sobre o tratamento dispensado pelas potências europeias aos povos de culturas consideradas primitivas. Foi também uma época em que se inflamaram debates sobre a ocupação inglesa da Índia. Por isso, muitos autores ingleses destacaram o valor das culturas pré-comerciais e o revide delas contra as influências corruptoras do imperialismo comercial e dos valores civilizados; vale especular que nenhum deles demonstrou uma perspectiva tão anti-imperialista quanto a de Emily Brontë.

Diferente de autores tais como Elizabeth Gaskell e Dickens, Brontë não estava voltada para os desdobramentos da Revolução Industrial na Inglaterra, ou até mesmo sobre o imperialismo inglês nas colônias. Ela discute em seu romance uma preocupação com aspectos negativos do império no contexto interno – a exemplo do tratamento dispensado a povos de raças escuras em território inglês – que torna-se uma tendência mais fortemente sentida e debatida na literatura inglesa no final do século XIX, embora, inicialmente, sem o viés subversivo que Brontë apresenta em seu único romance.

No que diz respeito à representação ficcional de encontros coloniais, as obras literárias inglesas, em geral, mostram que as implicações dos encontros coloniais não estão apenas refletidas na linguagem utilizada ou nas imagens do outro, isto é, não são apenas pano de fundo. As relações com o desconhecido ou com o pseudoconhecido são pontos centrais desses textos, porque refletem noções imperialistas sobre identidade, relacionamentos e cultura.

Brennan (2004) observa que as atividades políticas do moderno nacionalismo no final do século XVIII e início do século XIX, dirigiam o curso da literatura através dos conceitos Românticos do personagem folclórico e da língua nacional para divisões da literatura – amplamente ilusórias – em distintas literaturas nacionais, de modo que a literatura participou na formação das nações através da criação da mídia impressa nacional: o jornal e o romance. Estes ajudaram a promover um padrão de linguagem, encorajaram a alfabetização e removeram a incompreensão mútua. Suas maneiras de apresentação permitiram ao povo imaginar a comunidade especial que era a nação, e o romance foi peça chave na definição da nação enquanto uma comunidade reconhecível (WILLIAMS, 1975).

Deve-se destacar ainda que, os autores do império inglês no século XIX eram herdeiros de uma longa e bem estabelecida tradição de interpretações simbólicas e, segundo Boehmer (2005), os vitorianos tornaram-se provavelmente os mais ativos e apaixonados disseminadores dos sonhos imperiais testemunhados na história moderna. Escritores tais como Trollope e Dickens, dentre outros, retrataram o império e sua força tanto em seus romances *Vanity Fair* (1848) e *Great Expectations* (1861), quanto em seus ensaios jornalísticos. Esses escritores participaram da representação do império e poder da Inglaterra, percebendo-o como lugar comum. De modo que, mesmo uma obra aparentemente indiferente às questões do império ou que tratasse do império de modo remoto indicava que se percebia sua presença como algo comum. A esse respeito, Said (1994) ressalta que os romances refletiam questões do domínio do império, mesmo quando não eram sobre ele. A necessidade de refletir as questões do império manifestava-se através de simples menções a produtos vindos das colônias, como o xale indiano em *North and South* (1855) de Mrs. Gaskell.

Um ponto comum nas obras do século XIX é que certos personagens coloniais eram vistos como ameaças à segurança da sociedade doméstica e, comumente eram enviados às colônias, como em *Adam Bede* (1859), de George Eliot. No caso de Emily Brontë, o temido

personagem colonial, Heathcliff, supostamente vai a uma colônia, mas para fazer fortuna, voltar rico e obter vingança sobre seus inimigos ingleses, uma mímica da prática comum dos europeus.

A perspectiva póscolonial de Emily Brontë em O morro dos ventos uivantes

É importante lembrar que o romance de Brontë trata do impacto que a chegada de um menino, em tese, cigano – visto que a origem de Heathcliff nunca é revelada, mas especulada por diversos personagens: Isabella e Lockwood (cigano), Nelly (filho de um imperador da China e uma rainha indiana), Sr. Linton (nativo das Américas) – e estrangeiro provocou no seio de uma família inglesa, os Earnshaw e dos seus vizinhos, os Linton. Heathcliff, encontrado pelo patriarca nas ruas de Liverpool é levado pelo próprio para viver como um filho em sua casa. Com o convívio, ele se apaixona pela filha do Sr. Earnshaw, por quem é correspondido. Contudo, Cathy o renega por ser pobre e pertencer a uma raça e a uma classe consideradas inferiores, por isso, casa-se com o vizinho rico, Edgar Linton, levando ao máximo as tensões raciais e de classe entre o jovem estrangeiro e as duas famílias inglesas.

A maneira como a narradora Nelly, uma das criadas dos Earnshaw, descreve a impressão que Heathcliff causa à família, após sua chegada a O Morro dos Ventos Uivantes, reflete a necessidade de estereotipia como um dos elementos necessários para a manutenção do ideal de grandeza típico daquele povo da metrópole imperialista:

[...] veja, minha velha [...] é preciso que você aceite esta minha carga como um presente de Deus, embora esteja tão preta como se houvesse acabado de sair da casa do diabo [...] quando o puseram de pé, limitou-se a olhar em redor, repetindo uma algaravia que ninguém conseguia entender. Fiquei atemorizada e a Sra. Earnshaw estava prestes a pô-lo porta afora. Ela exaltou-se,

perguntando que ideia fora aquela do marido de trazer para casa aquele cigano [...] O patrão tentou explicar o caso [...] ele encontrara o menino morto de fome, perdido e, por assim dizer, mudo, nas ruas de Liverpool. Recolhera-o e indagara a quem pertencia. Ninguém o sabia (BRONTË, 1971: 40).

Percebe-se que construir a imagem do estrangeiro através da oposição entre o Bem (Deus) e o Mal (Diabo) – e, conseqüentemente, o cristianismo x paganismo; brancos x negros; isto é, raças, línguas (inglesa x algaravia do estrangeiro), possuidor x coisa possuída – é uma forma de desqualificar Heathcliff e sua cultura, e reforçar a centralidade da cultura inglesa, embora, de modo geral, o Sr. Earnshaw não tenha um comportamento preconceituoso para com o pequeno estrangeiro.

A citação acima ilustra também a voz narrativa mostrando como a ideologia imperialista inglesa funciona através da desqualificação, inclusive do idioma nativo de Heathcliff. A voz narrativa destaca como a língua inglesa funciona como ferramenta de superioridade cultural ao ser colocada pela narradora como o parâmetro para desqualificar o idioma nativo de Heathcliff. Na opinião de Ashcroft et al (2004), é na linguagem que a tensão da revelação cultural e do silêncio cultural torna-se mais evidente, especialmente porque a primeira reação em relação ao estrangeiro é julgá-lo como inferior, não apenas pela diferença de cor, mas porque não fala a língua inglesa. O resultado do contato com os ingleses é que esse importante traço cultural que Heathcliff traz consigo – a língua – é extirpado. Contudo, ele utilizará a língua inglesa para: amaldiçoar seus algozes; dirigir-se a eles com autoridade; zombar dos que o cercam; além de seduzir mulheres inglesas, com o objetivo de apropriar-se de seus bens, dos seus corpos e, por fim, das terras que pertenciam aos seus algozes.

O fragmento do romance acima citado mostra que, ao chegar à casa dos Earnshaw, Heathcliff é imediatamente associado ao Mal, o qual se tornaria quase um sinônimo do

protagonista ao longo do romance, devido ao misticismo comumente ligado à sua identidade supostamente pagã em oposição à forte presença do cristianismo na obra. Heathcliff é visto como algo que causa medo por representar uma cultura tão distinta quanto considerada assustadora e por representar o perigo de ser um intruso indesejável, o outro, uma raça diferente coabitando o seio de uma típica família inglesa do interior.

Segundo Wion (2003: 372-3, tradução nossa), desde sua chegada, Heathcliff é visto pelos ingleses como o arquétipo do outro: “[...] misterioso, perigoso, demoníaco, subumano, uma força do ‘externo’ ao invés de natureza ‘humana’”. O medo dos Earnshaw, com exceção do Sr. Earnshaw e Cathy, é o da contaminação, do hibridismo, da possibilidade de surgimento de qualquer tipo de desordem através de uma cultura diferente da inglesa que ameace a ordem estabelecida, de modo que alguém que cause tamanha apreensão era imediatamente tratado como um não-humano, como um não-livre, como pertencendo a alguém que teria poder para impor-se e controlar tal figura.

O estigma da inferioridade cultural e o racismo contribuem para a degeneração de Heathcliff devido à posição de liminalidade que ele ocupa na sociedade inglesa setecentista. A chegada dele à família ameaça o único herdeiro dos Earnshaw. Hindley encarna o pensamento do homem inglês e senhor de terras. Consequentemente, representa as ideologias de classe, pois sua primeira medida após a morte do pai foi privar Heathcliff de todo e qualquer acesso à educação. Ele também “[...] tirou-o da companhia de todos para metê-lo entre os criados, privou-o das lições do pastor, substituindo-as por trabalhos fora, exigindo dele o mesmo trabalho dum empregado” (BRONTË, 1971: 50).

A atitude de Hindley ilustra o pensamento de Janmohamed (2004) de que, em muitos casos, tornar-se cristão ameaçava eliminar uma das diferenças fundamentais entre os outros e os europeus, de modo que a atitude do jovem Earnshaw de não permitir que Heathcliff seja orientado nos moldes cristãos garante também a manutenção dessa importante diferença.

Ironicamente, Hindley não apresenta devoção pelo Cristianismo, muito menos Heathcliff. Hindley, todavia, age segundo o que Bhabha (2004: 33, tradução nossa) chama de “[...] relações deferenciais do poder colonial [...]”, as quais envolvem “[...] hierarquia, normatização, marginalização, e assim por diante”. Portanto, a forma de não perder o controle dos bens para um cigano é dominá-lo, oprimi-lo, negar-lhe acesso à educação e colocá-lo em uma posição de inferioridade, sobretudo porque como comenta Boehmer (2005: 27 e 66, respectivamente; tradução nossa), para os europeus, “[...] personagens coloniais e seus desdobramentos tinham o poder de ameaçar a segurança da sociedade doméstica”. Além disso, “[...] havia sempre a dúvida de que o homem branco britânico pudesse não estar completamente no controle”.

Por conseguinte, a opressão, o silêncio e a repressão impostos por Hindley a Heathcliff são o resultado da ideologia da metrópole. Heathcliff é o outro racial que vive em uma sociedade branca, a inglesa, na qual não há espaço para manifestações da sua cultura original. Sua solidão é uma marca no romance – ele é isolado do seu povo, da sua história, da sua cultura. O resultado da imposição da ideologia imperialista é a diminuição da manifestação dos dados de referência identitária em Heathcliff, tais como: a língua materna, que faz com que ele termine por assimilar a cultura inglesa, em diversos aspectos, e passe a imitar a cultura estrangeira, que lhe é imposta como superior. Apesar das consequências que Heathcliff sofre resultantes do seu encontro com o centro imperial que lhe impõe o silenciamento e a marginalização, ele não desiste de buscar uma solução para sua condição naquela sociedade inglesa.

Além disso, os demais personagens vêm em Heathcliff a imagem de um invasor de território e a sua consequente perseguição é recorrente na narrativa. A primeira invasão teria ocorrido com a “intrusão” dele no ambiente familiar dos Earnshaw. A segunda seria – já no início da adolescência – o transpassar dos limites de O Morro dos Ventos Uivantes e a ida às

terras dos Linton, em uma inocente brincadeira com Cathy que lhes custaria a felicidade, pois, após Cathy ter sido atacada pelos cães da propriedade, os dois são levados à presença dos Linton. Em uma das muitas narrativas-dentro-de-narrativas, Heathcliff relata a Nelly como foi o encontro, em que os Linton e ele se enfrentaram pela primeira vez:

“Cale a boca ladrão indecente! Você irá parar na forca por causa disso” [disse-lhe o empregado do Sr. Linton][...] “Desafiar um magistrado na sua fortaleza e ainda por cima num dia de sábado! [...] Oh! minha querida Maria [...] Não tenha medo. É apenas um menino [...] no entanto a perversidade se retrata no rosto dele. Não seria um benefício para a região enforcá-lo imediatamente, antes que ele mostre em atos a natureza que os seus traços revelam?”[disse-lhe o Sr. Linton] Empurrou-me para debaixo do lustre, e a Sra. Linton pôs os óculos e levantou, horrorizada, as mãos. Os medrosos dos meninos também se aproximaram. Isabel balbuciava: “Que sujeito horroroso! Bote-o na adega, papai. Ele é igualzinho ao filho da cigana que roubou meu faisão domesticado [...]” “Oh! Oh! Deve ser a tal aquisição que fez meu falecido vizinho, na sua viagem a Liverpool! [...] Um filhote de hindus ou algum pária da América ou da Espanha” (BRONTË, 1971: 53).

O encontro acima descrito mostra, mais uma vez, Heathcliff sendo sujeito ao escrutínio visual que o relega ao que os ingleses consideram ser seu lugar na ordem social. Mais uma vez ele é tratado como um animal de uma espécie estranha que se encontra fora do seu habitat natural. Ele está, assim, sujeito ao olhar colonial, à arrogância derivada do imperialismo inglês e à ideologia que o racializa ao mesmo tempo em que prega a inferioridade de sua raça. Do seu rosto escuro, os Linton extraem sua origem e destino, e sentem-se no direito de puni-lo por crimes cometidos por outros de aparência semelhante

(MEYER, 1996). A postura do Sr. Linton é compreensível, pois no entendimento de Boehmer (2005), na fisionomia do nativo, os brancos temem e amam reconhecerem o delineamento do próprio rosto.

A reação dos Linton em seus contatos com um estrangeiro em seu próprio território ilustra a questão de encontros coloniais, sobretudo porque como sustenta Boehmer (2005: 68; tradução nossa), ao mesmo tempo em que “[...] o olhar dependia da posição do colonizador em controle de um sistema total, era também uma expressão potente de tal posição”. E estar no controle ou “[...] governar era conhecer [...] O europeu se coloca no local de um observador elevado, um arqui-investigador em relação ao qual o mundo todo era um objeto de escrutínio” (BOEHMER, 2005: 69; tradução nossa). O Sr. Linton, ao especular a origem de Heathcliff, associa-o a um povo e a países sujeitos ao imperialismo inglês naquela época, e ao fazer referência ao fato de Heathcliff ter sido achado em Liverpool data historicamente o problema social com o qual se depara inesperadamente em sua própria fortaleza.

Meyer (1996), ao analisar o primeiro encontro entre Heathcliff e os Linton, observa que o fato do Sr. Linton especular a origem de Heathcliff, associá-lo aos países e aos povos sob domínio inglês, e a referência a Liverpool são significativos porque no ano em que se passa tal encontro, 1769, essa cidade era o maior porto inglês, o centro do comércio marítimo e de escravos, que chegavam à Inglaterra não apenas da África para serem vendidos às colônias inglesas, portuguesas e espanholas na América. Contudo, o Sr. Linton, ao fazer a inspeção da aparência de Heathcliff mencionada logo acima, fez com que o jovem estrangeiro fosse colocado novamente sob o olhar do império, de volta à condição de propriedade e lhe atribui o papel inferior de desajustado racial. Essa passagem também mostra Brontë denunciando a irracionalidade do racismo inglês da época ao descrever o medo e a arrogância dos ingleses ao contemplarem o rosto escuro de um simples garoto, assim como o desejo

inglês de controlar os povos escuros e racializados sob a leitura reducionista e preconceituosa da fisionomia de tais povos (MEYER, 1996).

O relato do primeiro encontro entre Heathcliff e os Linton se reveste de um valor significativo por partir de um narrador que não é Lockwood nem Nelly, mas o próprio Heathcliff, ao relatar e analisar um encontro colonial que teve, o qual reforça sua própria perspectiva do tratamento por ele recebido diariamente na família dos Earnshaw. Por outro lado, é necessário considerar que nesse primeiro contato, Cathy é seduzida pelo luxo e pela riqueza dos Lintons, ao passo que Heathcliff enquanto um outsider, mais uma vez, é vítima de rejeição.

O embate colonial entre os Linton e Heathcliff tem desdobramentos significativos no romance. O segundo encontro entre eles, dessa vez, será na propriedade dos Earnshaw. Os Linton visitam Cathy que havia se recuperado do ataque dos cães – as visitas evoluem e culminam no casamento dela com Edgar Linton. Em uma conversa com Nelly, Heathcliff deixa escapar o quanto introjetou e se sujeitou à ideologia dominante:

- Eu queria ter cabelos louros e a pele alva, andar bem vestido e bem comportado como ele e ter a sorte de ser tão rico quanto ele vai ser [...] - Um bom coração ajudá-lo-á a ter um bom rosto, meu rapaz, mesmo que você fosse um verdadeiro negro [...] Quem sabe se seu pai não era imperador da China e sua mãe uma rainha indiana, capazes, cada qual de comprarem, com seus rendimentos de uma semana, O Morro dos Ventos Uivantes e Thrushcross Grange juntos? E você foi raptado por piratas e trazido para a Inglaterra. No seu lugar, teria eu orgulho de minha alta linhagem e esta ideia me daria coragem e dignidade para suportar a opressão dum mesquinho fazendeiro! (BRONTË, 1971: 59).

A confissão de Heathcliff, apresentada no fragmento acima, é por demais complexa. Ela mostra o quanto a condição de dominado está ligada à do poderoso opressor numa certa relação de implacável dependência que é moldada pela conduta de ambos. Heathcliff odeia seus opressores, mas ao mesmo tempo os admira em alguns aspectos. Sua experiência é marcada pela inveja e pelo desejo de ser, de agir e de se parecer com eles, porque tais pontos o distinguem dos que detêm o poder hegemônico, embora o poder seja sempre passível de mobilidade, mas na adolescência, Heathcliff não tinha essa compreensão. Na realidade, o desejo de Heathcliff parece estar, intimamente, ligado à sua vontade de ser um igual e à vontade de inclusão/aceitação por parte daquela sociedade em que vivia por causa do seu amor a Cathy, sua única fonte de amor, aceitação, inclusão, sua única família. Adotar é a palavra certa, uma vez que ele poderia ter fugido, como fez anos depois de ter a conversa acima mencionada com Nelly, mas voltou por Cathy e pelo resgate da própria honra.

Desse modo, o olhar aparentemente hipnotizado pela imagem do europeu branco que ele introjeta como a ideal para um ser humano, não deixa de condená-lo a uma existência derivativa dos padrões que lhes foram transmitidos, como sendo os que deveriam ser alcançados. A aparência de Edgar que Heathcliff deseja está intimamente ligada à ideia de poder, sobretudo porque o poder costuma ser visto como uma diferença qualitativa ou um fosso entre aqueles que o têm e aqueles que devem sofrer seus efeitos e submeterem-se a ele. O poder designa um espaço imaginativo que pode ser ocupado, um modelo cultural que pode ser imitado e desafiado.

Quando Nelly sugere que Heathcliff poderia ser filho da realeza indiana ou chinesa, é o único momento em que ela se posiciona, de certo modo, contra os ingleses, mesmo fazendo isso de maneira aparentemente irrefletida, porém seu discurso tem um poder surpreendente, pela natureza questionadora que apresenta. Portanto, embora Nelly demonstre ao longo da narrativa que comunga com a postura imperialista dos seus compatriotas, ao lançar a

possibilidade de que Heathcliff poderia ser um príncipe estrangeiro, de países em estado de opressão pelos ingleses à época da narrativa, o texto lança dúvidas sobre de que lado ela, de fato, está. A dubiedade das suas palavras torna a narrativa da criada suspeita, entretanto, mesmo diante de tanta suspeição, o fato é que a fala de todos mostra a opressão sofrida pelo estrangeiro.

Outro ponto importante a ser discutido em relação à conversa entre Nelly e Heathcliff apresentada no fragmento acima, é que a tentativa de Nelly de construir uma origem para Heathcliff sai do campo especulativo para tornar-se definitivo porque se torna a única “explicação/especulação” acerca da origem dele (ARMSTRONG, 2003). Nelly, de modo surpreendente, atribui uma parentela poderosa a alguém tratado como subalterno, aventurando a hipótese de ele ter sido trazido à Inglaterra à força; sua especulação oferece ao oprimido uma espécie de retribuição por sua colonização forçada. A narradora o associa às terras e a dois povos sinônimos de poder e de civilizações mais antigas que a inglesa – à época da narrativa, a Índia havia sido apropriada e subjugada pela expansão imperialista inglesa, ao passo que a China lutava para não sofrer o mesmo dano.

Além disso, a citação acima mostra que Nelly reduz Hindley – uma figura que é vista por si mesma e pelos demais personagens como um homem de posses – a um mesquinho fazendeiro, ou pequeno fazendeiro, conforme a versão original, o que de fato ele é, sobretudo se comparado com as poderosas figuras chinesa e indiana que Nelly evoca. Mais uma vez, a fala de Nelly revela-se subversiva por ir de encontro ao pensamento geral das pessoas do seu convívio.

Através do discurso de Nelly, a narrativa sugere a possibilidade de povos subjugados pelos ingleses unirem-se e vingarem-se da subjugação que sofreram nas mãos dos ingleses. Além disso, ambos os narradores, Nelly e Lockwood, lançam uma possibilidade “perturbadora” para os ingleses do século XIX sobre o destino de Heathcliff durante os três

anos em que esteve desaparecido – fuga motivada por ter descoberto que Cathy iria casar-se com Edgar:

Fugiu para a América, cobrindo-se de glória, derramando sangue de seus conterrâneos? [indaga Lockwood, a Nelly que comenta sobre Heathcliff quando do seu retorno:] Era uma voz profunda e de acento estrangeiro [...] Era agora um homem de boa compleição, de elevada estatura e de formas atléticas [...] Seu porte ereto dava a ideia de que já houvesse estado no exército [...] Revelava inteligência e não conservava sinais da antiga degradação. Uma ferocidade semicivilizada [...] Suas maneiras eram até mesmo dignas, completamente desprovidas de rudeza [...] (BRONTË, 1971: 91 e 95).

Nelly e Lockwood situam o período de ausência de Heathcliff – que retorna rico, e livre da submissão à condição de subalterno – a uma época de insurreições coloniais coincidindo com a mudança da sua postura. O período histórico em que transcorre a narrativa era de ansiedade política sobre a perda de colônias inglesas. Lockwood especula se Heathcliff lutou na América e sua teoria nasce do fato de Nelly levantar vários pontos que indicam uma possível experiência militar nos modos de Heathcliff. Conforme aponta Meyer (1996), o romance revela – quando se calculam as datas fornecidas – que a ausência de Heathcliff ocorreu entre 1780 e 1783, os últimos anos da Revolução Americana. Sendo assim, Brontë o associa às guerras arquetípicas de rebeliões coloniais de sucesso, conforme sugere Meyer (1996: 115), que ameaçavam invadir a Inglaterra. Com o descontentamento do Canadá, da Irlanda, dos Estados Unidos e das colônias do Caribe, o império inglês estava ameaçado na América à época em que se passa a narrativa.

Nelly relata, apesar da sua absoluta falta de simpatia por Heathcliff – que é compartilhada por vários personagens, exceto o Sr. Earnshaw, Cathy e Hareton –, os

desdobramentos do retorno do jovem estrangeiro, ou seja, a retomada do contato de Heathcliff com Cathy e, conseqüentemente, com os Linton e com os Earnshaw, e a suspeita do propósito de vingança da parte dele. Nelly mostra que à medida que retoma os antigos contatos, percebe-se que Heathcliff voltara para vingar-se, apropriar-se e tornar-se dono das terras e das riquezas das duas famílias que o haviam oprimido.

Para tanto, Heathcliff utiliza a ideologia à qual havia sido submetido em benefício próprio, de modo que reduz o filho de Hindley, Hareton, à condição de semiescravo ao privar-lhe o acesso à educação, à liberdade e a um tratamento digno, além de subjugar – de certo modo – o próprio Hindley que, por sua vez, degrada-se após a morte da esposa, Francis, levando-o a morar de favor em O Morro dos Ventos Uivantes. O resultado da transformação pela qual ele passa nos três anos de ausência é que o recém-adquirido poder por ter supostamente derramado sangue dos ingleses torna Heathcliff um representante de todas as colônias inglesas que se revoltaram contra a metrópole e obtiveram sucesso (MEYER, 1996).

O fato de Heathcliff voltar rico, bem vestido e reconhecendo seu valor ao libertar-se da sujeição é muito significativo. Ele decide assumir comportamentos e posturas dos que o cercam, com o objetivo de atingir os padrões do homem branco inglês para poder sentir-se em condições de competir com Edgar por Cathy. As máscaras que a sociedade inglesa o levou a adotar são a roupa, os modos, a postura em relação à terra e às mulheres, entre outros. Embora utilizando tais máscaras, por baixo delas está a sua essência que transgride o sistema dos ingleses – mesmo utilizando-se das práticas inglesas de forma reversa, no caso, em benefício próprio – e nem mesmo com elas obtém a condição que de fato desejava: a de ser plenamente aceito por Cathy.

Enquanto Cathy não resiste à opressão que a sociedade impunha a ela enquanto mulher – e morre ao dar à luz, pressionada pelo desespero do marido obrigando-a a escolher entre ele e Heathcliff –, Heathcliff carrega o desejo de viver para destruir os Earnshaw e os

Linton. De certo modo, ele já havia conseguido isso nas obscuras circunstâncias que levaram Hindley à morte, após ter se degradado devido à morte de sua esposa e perdido O Morro dos Ventos Uivantes no jogo para Heathcliff, e como não teria para onde ir, submetera-se à humilhação de dividir o mesmo teto com o desafeto.

No entanto, o projeto de Heathcliff é destruir os Linton e a primeira vítima é Isabella que, incapaz de suportar o tratamento recebido enquanto sua esposa, o abandona, grávida do único filho que tiveram. Posteriormente, Heathcliff força o próprio filho, o fraco Linton Heathcliff, à beira da morte, a casar-se com a filha de Cathy – Catherine, para obter o controle de Thrushcross Grange, cujo dono, Edgar, estava à morte - pois o que era da mulher era controlado pelo marido. Daí em diante, Heathcliff passa a dominar tudo o que sempre desejou e odiou, bem como a oprimir a nora e o filho de Hindley, Hereton, únicos sobreviventes das duas famílias. Próximo ao fim da vida de Heathcliff, os dois jovens, Catherine e Hareton, apaixonam-se. Catherine rebela-se contra o ex-sogro e passa a incitar Hareton a defender a própria herança, a qual, assim como a da jovem, é controlada por Heathcliff por vias legais.

Conclusão

A diferença marcante entre O morro dos ventos uivantes e demais obras canônicas da literatura inglesa até 1847 é que Brontë coloca a figura do outro racial, do colonizado dentro da metrópole imperialista, vencendo e oprimindo os ingleses. De modo que os donos de tudo passam à destituição, e o destituído passa a ser o senhor.

Percebe-se, quando se analisa O morro dos ventos uivantes à luz dos Estudos Póscoloniais, que tal obra pode ser considerada um romance póscolonial. A principal razão para o romance de Brontë ser compreendido nessa perspectiva diz respeito às características subversivas nele apresentadas acerca das relações coloniais e sua representação ficcional,

quando se compara a obra em tela com a literatura inglesa produzida até 1847 que, em geral, costumava enaltecer a figura do inglês branco em detrimento dos povos de raças escuras, considerados inferiores e representados como subalternos ao poder hegemônico inglês (DIAS, 2011: 264). Diferente do padrão de tratamento temático e estrutural dos encontros e espaços coloniais que se via na literatura inglesa, essa obra não exalta a Inglaterra nem suas conquistas imperialistas, mas, ao contrário, expõe o preconceito racial, religioso e linguístico que imperava em relação aos povos colonizados, particularmente os não-brancos.

No romance em tela, um homem de uma raça escura consegue subverter o processo de subalternização e tornar-se o senhor das terras dos antigos algozes dentro da metrópole imperialista. Heathcliff, na verdade, representa todos os outros raciais oprimidos pelo imperialismo britânico. Através de um plano de vingança, ele se afirma como superior aos ingleses que o oprimiram tanto no que diz respeito à virilidade quanto à capacidade intelectual e emocional para lidar com os conflitos que surgem ao longo da sua vida, mas também para reescrever sua história de submissão e tornar-se senhor do próprio destino.

É importante destacar, todavia, que Brontë não comunga com nenhuma forma de opressão, ao contrário, ela exalta a liberdade na obra. Tanto os opressores de Heathcliff morrem quanto ele mesmo (que por sua vez torna-se um tirano opressor, talvez a alternativa mais fácil e de resultados mais imediatos para a solução do seu problema), e embora Catherine e Hareton (filha e sobrinho de Cathy, respectivamente) tenham um relacionamento em que ela emerge como a força dominante, ambos desenvolvem uma relação saudável, na qual cada um busca o bem estar do outro e não o controle sobre o outro.

Assim, tal qual os romances póscoloniais, característicos dos séculos XX e XXI, por exemplo, *O morro dos ventos uivantes* traz à tona o contexto dos povos marginalizados – através da figura de Heathcliff e pelas referências aos espaços coloniais – pelo imperialismo inglês e faz conhecida a sua história de degradação na metrópole imperialista e a sua voz. O

romance de Brontë revela as formas da dominação que povos considerados inferiores sofreram no contexto interno da Inglaterra, tais como a estereotipia, a desqualificação da raça e da cultura, e dá uma resposta criativa a esse fato, ao tornar Heathcliff um colonizador às avessas.

A obra subverte ainda a condição de centro dos ingleses, ao criar um protagonista cigano, não-branco e não-falante do inglês e ao questionar o ponto de vista deles que polariza as relações humanas em um eu, ou melhor, um nós, e um outro, de modo preconceituoso. Além disso, a obra dá um espaço privilegiado de contestação ao adversário, Heathcliff, conferindo-lhe poder para perturbar e distorcer concepções idealizadas de caráter negativo sobre ele.

A obra em tela apresenta uma recriação das relações coloniais dentro da metrópole imperialista inglesa que permite ao leitor entrar em contato com os discursos dos opressores e dos oprimidos e dos espaços imperial, colonial e doméstico sob diferentes perspectivas. Além disso, registra as vozes do outro racial e das mulheres, as quais Brontë resgata, para criar novas possibilidades de sentido e de resistência.

É importante analisar o discurso da ficção de Brontë, focalizando no discurso dos personagens, que configuram a expressão do conflito entre quem está no centro e quem está na margem da sociedade inglesa. A maioria dos personagens da obra assemelha-se a pilares daquela sociedade corroídos pelo preconceito e que tentam, de algum modo, afirmar a própria superioridade, mantendo-se no centro e no poder, principalmente através da fala, por exemplo, o narrador Lockwood, os criados Joseph e Nelly, mulheres (as matriarcas, Isabella, Catherine), proprietários de terras (os homens das duas famílias). Com Heathcliff, Brontë descentra-os, e isso significa a possibilidade de perspectivas subversivas em favor de uma vítima do imperialismo, embora ela se mostre também em favor das mulheres, vítimas do patriarcado e do imperialismo. A escrita póscolonial de Brontë subverte o sistema inglês de

valores. Um exemplo disso é que os homens ingleses na obra não têm mais capacidade nem intelectual nem emocional do que Heathcliff tem para lidar com os bens e com os conflitos. A narrativa de Brontë reescreve e reinterpreta aspectos da tradição (o eu e o outro complementam-se na obra) nacional imperialista e patriarcal inglesa de um ponto de vista póscolonial e feminista, promovendo a subversão da autoridade do homem branco inglês tanto em relação às mulheres quanto em relação a Heathcliff. Para tanto, Brontë recorre a uma importante estratégia contra o imperialismo e o patriarcado, e seus desdobramentos, no caso, a ironia, para subverter o discurso dominante da sociedade inglesa em seu texto.

A atitude de Brontë no que diz respeito às relações coloniais é revolucionária por diversos fatores. Um deles é que a proposta de inverter a ordem das relações coloniais parte de alguém de dentro do centro imperial, de um país cujos habitantes orgulhavam-se da própria história de conquista, dominação e manutenção dos territórios conquistados. De modo que Brontë não trata das relações coloniais nem com a paixão de um abolicionista, nem com a paixão de um (ex)escravo letrado, mas mostra, sutilmente, vozes alternativas, como a do estrangeiro, e a das mulheres que, paralelamente às falas oficiais – visto serem representantes da cultura inglesa – de Lockwood, do Sr. Earnshaw, do Sr. Linton e filhos ousaram levantar-se em uma luta, quer de raça, quer de gênero contra a opressão.

Por isso, existe em *O morro dos ventos uivantes* um espaço de expressão e de contestação, que é o contar a história destacando a figura do oprimido, e isso ocorre de modo irônico, pois, aparentemente, a história narrada na obra é a de duas famílias inglesas, os Earnshaw e os Linton. Além disso, ela é contada majoritariamente por ingleses, Nelly e Lockwood. Entretanto, a história é de Heathcliff, da sua opressão, e da sua conquista do território do inimigo. Na obra, as vozes das mulheres e a de Heathcliff mantiveram-se vivas como focos de resistência, e assim, a autora apresenta um outro lado da versão da história, através do descentramento dos discursos hegemônicos e da inversão de papéis.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o poder colonial não silenciou Heathcliff. O subalterno pode falar⁴¹ em *O morro dos ventos uivantes*. O registro no diário de Lockwood não é sobre sua viagem ao campo, mas sobre a insurreição do subalterno, Heathcliff, que só não tem a vitória completa porque sua amada, Cathy, que o rejeitou e não mais existe, não está presente para dar sabor à vitória e porque ele optou por tornar-se um opressor – para Spivak (1994), tornar-se opressor impede que o sujeito seja caracterizado como subalterno – o que o impede de continuar na condição de subalterno. Ele dá indícios de que iniciará uma mudança em seu comportamento violento próximo ao final da sua vida, sobretudo porque já havia abatido seus inimigos, e a imagem do seu amor por Cathy vista em Catherine e Hareton parece diminuir suas forças, uma vez que seu objetivo principal, ter Cathy, é inatingível no mundo material. Por ser o relacionamento dos dois jovens uma reprodução do seu amor por Cathy ele nunca tenta impedir que o amor de ambos se desenvolva, apenas observa-o crescer.

Em *O morro dos ventos uivantes*, a mulher escritora, Emily Brontë, conta, denuncia, mostra e expõe o outro lado da história do marginalizado, isto é, ela privilegia um lado da sociedade inglesa que fica submerso nas narrativas da literatura do seu país, destacando o que é esquecido, escondido, proibido, ou seja, a história dos oprimidos pelo imperialismo inglês e sua insurreição. Ela também mostra que era pior ser uma mulher do que ser um homem de pele escura, pois enquanto homem ele poderia se reerguer da opressão, mas para as mulheres, o destino era a morte (Cathy e Isabella), a exclusão (Isabella), embora a educação e a presença de espírito possam levar a mulher (Catherine) ao domínio, ao poder (DIAS, 2011).

Através da memória que poderia e deveria ser a oficial, no caso, a de Lockwood, o narrador “oficial” da obra, já que a obra é construída como se fosse um diário de suas

⁴¹ Para a Spivak (1994), o homem branco, em sua posição privilegiada em relação aos grupos subalternos, nega a possibilidade de voz aos *outros*. Ela afirma que o sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual possa falar. Sua teoria tem sido contestada, inclusive, por Said (1994).

experiências com inquilino de Heathcliff, Brontë desconstrói o discurso dominante da sociedade inglesa dita civilizada. É através do espaço de expressão e de coragem que é o contar, que a autora cria outras perspectivas e possibilidades sobre o imperialismo inglês. Em virtude disso, pode-se dizer que a perspectiva apresentada por Brontë, no romance em foco, revela uma postura de crítica ao imperialismo inglês e ao patriarcado, de modo que hoje, tendo-se conhecimento da literatura póscolonial no sentido daquela ficção que é produzida por autores de antigas colônias em resposta à opressão imperialista inglesa e europeia, pode-se chamá-lo de póscolonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Nancy. Imperialist nostalgia and *Wuthering Heights*. In: PETERSON, Linda (ed). *Case studies in contemporary criticism: Emily Brontë, Wuthering Heights*. New York: Bedford/St. Martin's, 2003.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (eds). *The post-colonial studies reader*. New York: Routledge, 2004.

BHABHA, Homi K. Signs taken for wonders. In: ASHCROFT, B. et al. *The post-colonial studies reader*. New York: Routledge, 2004.

BRENNAN, Timothy. The nation longing for form. In: ASHCROFT, B. et al. *The post-colonial studies reader*. New York: Routledge, 2004.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Trad. de Oscar Mendes. Porto Alegre: Abril, 1971.

BOEHMER, Elleke. *Colonial & postcolonial literature*. New York: Oxford University Press, 2005.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. *A subversão das relações coloniais em O morro dos ventos uivantes: questões de gênero*. 2011. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

JANMOHAMED, Abdul R. The economy of Manichean allegory. In: ASHCROFT, B. et al. The post-colonial studies reader. New York: Routledge, 2004.

MEYER, Susan. Imperialism at home: race and Victorian women's fiction. London: Cornell University Press, 1996.

MORETTI, Franco. Atlas do romance europeu: 1800 – 1900. Trad. de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

O'REAGAN, Derek. *Postcolonial Echoes and Evocations: The Intertextual Appeal of Maryse Condé*. Switzerland: International Academic Publisher, 2006.

SAID, Edward W. Culture and imperialism. New York: Vintage Books, 1994.

SAID, Edward W. Orientalism. 25th anniversary edition. New York: Vintage Books, 2003.

SPIVAK, Gayatri C. "Can the subaltern speak?" In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (eds). *Colonial discourse and post-colonial theory*. New York: Columbia University Press, 1994.

THIEME, John. *Postcolonial Con-Texts: Writing Back to the Canon*. New York: Continuum, 2001.

WILLIAMS, Raymond. The country and the city. New York: Oxford University Press, 1975.

WILLIAMS, Raymond. Tragédia moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WION, Philip K. "The absent mother in Wuthering Heights." In: PERTERSON, Linda (ed). *Wuthering Heights: case studies in contemporary criticism*. New York: Bedfords/St. Martin's, 2003.